

CORPOS PORNOGRAFADOS: ESTÉTICAS DE CONSUMO, DILDOS E EDUCAÇÃO

Samilo Takara

Professor Adjunto do Departamento de Educação e na Especialização em Gênero e Diversidade na Escola do Campus Rolim de Moura e no Programa de Pós-Graduação em Educação – Linha Formação Docente no Campus José Ribeiro Filho-PVH da Universidade Federal de Rondônia (UNIR/RO). Pós-Doutor em Comunicação (UEL/PR). Doutor em Educação (UEM/PR), samilo@unir.br;

Resumo

A pornografia está presente nas diferentes plataformas da Internet. As diferentes imagens fotográficas e filmagens nos ensinam por meio de suas representações acerca das formas de interagir, se relacionar, produzir, participar e consumir o sexo por meio de modelos de sexualidades e das cenas sexuais. Diante das imagens e dos modos de representar os corpos de homens gays na pornografia, compreende-se que existem pedagogias culturais que são produzidas e constituem ensinamentos sobre desejo, sexo e corpos localizando uma forma de se relacionar com a sexualidade na contemporaneidade. A questão que orienta este trabalho é: de que modo a pornografia educa acerca das imagens de práticas sexuais por meio das representações e da distribuição de artefatos de consumo? Para tal discussão, este texto problematiza o consumo de imagens pornográficas que se inscrevem no exemplo do vídeo/propaganda “Teste de qualidade” da produtora pornográfica Meninos Online e está disponível em seu perfil no Twitter. Este vídeo de um minuto faz a publicidade desta empresa de comunicação e da prótese que é produzida com base nas dimensões do pênis do ator Diego Mineiro. O objetivo deste estudo é problematizar os processos pedagógicos presentes na propaganda/pornografia que estimula uma dimensão de consumo dos corpos e das representações constituídas sobre masculinidades na pornografia gay

contemporânea. A pesquisa é embasada pelos Estudos Culturais e por contribuições da teoria *queer* e utiliza dos métodos bibliográfico e documental para explorar os sentidos e significados que constituem as representações de sexo e sexualidade presentes nesse artefato midiático.

Palavras-chave: Educação, Mídias, Estudos Culturais, Pornografia, Publicidade.

Introdução

Este texto parte das discussões empreendidas acerca de como os artefatos midiáticos educam acerca das representações sobre gênero e sexualidade em diferentes instâncias e possíveis. Inscrito no projeto de pesquisa “Pedagogias Midiáticas na Educação Contemporânea: impactos sobre os corpos”, temos por questão orientadora: de que modo a pornografia educa acerca das imagens de práticas sexuais por meio das representações e da distribuição de artefatos de consumo?

Para tal discussão, este texto problematiza o consumo de imagens pornográficas que se inscrevem no exemplo do vídeo/propaganda “Teste de qualidade” da produtora pornográfica Meninos Online e está disponível em seu perfil no Twitter. Este vídeo de um minuto faz a publicidade desta empresa de comunicação e da prótese que é produzida com base nas dimensões do pênis do ator Diego Mineiro. O objetivo deste estudo é problematizar os processos pedagógicos presentes na propaganda/pornografia que estimula uma dimensão de consumo dos corpos e das representações constituídas sobre masculinidades na pornografia gay contemporânea.

A escolha desse objeto se dá por um atravessamento de artefatos pornográficos que são postos em deslocamento neste vídeo: a pornografia que é produzida para as redes e/no interior delas e, desse modo, expõe uma forma de produzir imagens e discursos acerca da sexualidade e pela publicidade da prótese peniana que é comercializada pelo ator Diego Mineiro. Este artefato é divulgado nas redes do ator e ele tem imagens e vídeos que caracterizam a prótese para expor as qualidades do produto.

A produtora de conteúdo pornográfico Meninos Online produz um vídeo/teaser que é publicado no Twitter da empresa que mostra uma ficcionalização do uso da prótese que é publicado em 15 de fevereiro de 2021. As cenas são protagonizadas por Jhon Jhon, Diego Mineiro e a prótese. O jogo pornográfico apresenta cenas intercaladas em que o primeiro aparece interagindo com a prótese e, em cenas que os atores interagem como se a prótese fosse a oportunidade de se relacionar diretamente com o ator.

É relevante marcar que a ideia de usos de artefatos eróticos/sexuais é uma prática possível e que os sentidos atribuídos a esses

produtos sexuais é parte de uma lógica que também é permeada por sentidos e significados que também são atravessados pela indústria pornográfica como esse vídeo em diálogo nos permite discutir.

Entretanto, também é necessário discutir a diferença entre o dildo e suas técnicas, tal como a dildotecnia pensada por Preciado (2014) como formas de descentralização das genitais e o desenvolvimento de outras relações com o corpo e as experiências sexuais não é similar a produção de uma prótese que mimetiza o pênis de um ator pornô e massifica o consumo de uma proposição da experiência sexual que está disponível nos links de acesso das pornografias contemporâneas.

Convém dialogar com a discussão proposta por Sontag (2015, p. 61) acerca da natureza da imaginação pornográfica como aquela que sustenta “[...] convenções acabadas de personagens, cenário e ação. A pornografia é um teatro de tipos, não de indivíduos”. Entretanto, sem o diálogo e a problematização dos aspectos educativos que perpassam a sexualidade, os produtos midiáticos são parte da educação sobre sexo e sexualidade na cultura contemporânea.

Desse modo, a imaginação é atravessada pelas imagens que educam sobre o que é desejável e consumível e como a educação acerca das subjetividades e dos corpos é atravessada por dimensões de gênero, sexualidade, raça, etnia, localização geográfica, dimensão geracional e uma lógica de produção que define uma lógica de consumo de imagens que produzem corpos para se tornarem imagens.

Baitello Junior (2007; 2019) oferece problematizações sobre a iconofagia como uma condição em que as imagens devoram os corpos devorados pelas imagens. Nessas análises, o autor oferece discussões sobre como as imagens midiáticas estão construindo uma dimensão da imagem que nos atravessa e produz modos de se relacionar com a imagens. Desse modo, é uma questão a ser pensada quando a imagem retoma corpo – plástico, fibra, produto impresso em 3D – para ser consumido como referência a um corpo que está nas imagens.

Metodologia

Para problematizar os efeitos desse artefato cultural na construção das representações e nos processos educativos que perpassam nossas formas de compreender a sexualidade e a educação que deriva desses produtos das mídias, embasamo-nos metodologicamente em um estudo qualitativo, de característica exploratória-descritiva e

utiliza-se os métodos bibliográfico e documental para o desenvolvimento desta discussão.

Nesta direção, utilizamos a pesquisa qualitativa como uma possibilidade de analisar as relações entre as pessoas que estão envolvidas em diferentes experiências e como são os efeitos dessas interações nas construções de identificações e representações. Assim, aproximamo-nos de um estudo que é exploratório-descritivo no intuito de conhecer sobre as pedagogias inscritas no artefato midiático e que expressam, por meio das imagens e das representações, modos de se relacionar e de significar a dimensão desses ensinamentos na construção das formas de interpretar o mundo (GIL, 2002; SEVERINO, 2008).

Utilizamos os métodos bibliográfico e documental para o processo de investigação deste estudo. Assim, o levantamento de material teórico por meio de livros, teses e artigos científicos, que são referências para auxiliar no desenvolvimento dos conceitos e na operação da análise teórica. O método documental contribui para a descrição e estruturação das cenas, para o diálogo com o objeto analisado e para problematizar os elementos que são acionados e que operam nessas representações (GIL, 2002; SEVERINO, 2008).

Referencial teórico

As relações com os artefatos midiáticos são parte dos modos como aprendemos sobre as interações com outras pessoas, consigo e com o mundo. Desse modo, diferentes modos de compreender como nos relacionamos é atravessado pelos discursos que mobilizam imagens e representações nas mídias contemporâneas. Elsaesser (2018, p. 86) explica que as interações com os artefatos midiáticos criam outras noções para “autor” e “obra”. Nessa direção, discute como esses produtos midiáticos – e, em sua análise, os filmes – “[...] fazem parte de uma cultura de ‘experiência’ e de uma economia do espetáculo, em que nem autores individuais nem filmes individuais ficam no centro”.

Em outra direção, Sibilía (2008, p. 31) explica que existem outras formas de entender essa relação com o espaço de produção da internet. Tratando sobre os usos “confessionais” da rede, existem ainda acionamentos que “[...] parecem se enquadrar nessa definição: seriam, portanto, manifestações renovadas dos velhos gêneros autobiográficos”. Assim, pensar sobre a produção midiática contemporânea é considerar esses deslocamentos que são apresentados pela análise.

O **eu** que fala e se mostra incansavelmente na web costuma ser tríplice: é ao mesmo tempo autor, narrador e personagem. Além disso, porém, não deixa de ser uma ficção; pois, apesar de sua contundente auto-evidência, é sempre frágil o estatuto do **eu**. Embora se apresente como “o mais insubstituível dos seres” e “a mais real, em aparência, das realidades”, o **eu** de cada um de **nós** uma entidade complexa e vacilante. [...] A linguagem nos dá consistência e relevos próprios, pessoais, singulares, e a substância que resulta desse cruzamento de narrativas se (auto) denomina **eu** (SIBILIA, 2008, p. 31).

As experiências com as mídias geram sentidos diferentes em seus usos e possibilidades. Han (2018, p. 8) traz que essa visibilidade é uma forma de “exposição pornográfica da intimidade da esfera privada”. Assim, para o pensador, as redes contribuem para uma forma de exposição que inscreve as experiências que gera modos de se relacionar com os outros e conosco.

Silverstone (2005) e Teruya (2009) em suas análises sobre os impactos das mídias geram problematizações para deslocarmos os estudos sobre mídias. Para o autor, é inescapável problematizar as relações que inscrevem-se nas condições midiáticas de produções de sentidos e significados. Teruya (2009, p. 156) problematiza que “[o] conhecimento das potencialidades das mídias pode formar uma geração mais crítica em relação à mídia. A educação para a mídia pressupõe um envolvimento no processo de elaboração e produção do conhecimento na mídia digital”.

Desse modo, acompanhando a contribuição teórica que expõe as interações com as mídias, este estudo também dialoga com as interpretações dos impactos dos artefatos midiáticos e na possibilidade de problematizar esses artefatos como produtos da cultura e que são necessárias investigações que são pedagógicas para entender os impactos das mídias na construção de representações e na educação de subjetividades e corpos no contemporâneo.

Assim, embasamo-nos nos Estudos Culturais e nas teorizações queer para problematizar essas relações entre mídias e educação. Ao acionarmos esses referenciais teóricos, estamos interessados nos estudos das pedagogias culturais que se inscrevem nos artefatos culturais e que educam por meio dos modos de recepção, interação e produção desses artefatos. Desse modo, apontamos para as especificidades

dessas pedagogias culturais ao serem produzidas em artefatos destinados ao consumo, a emissão e a recepção de imagens e discursos que produzem nossas interações com as sexualidades.

O conceito de pedagogias culturais, amplamente acionado nos Estudos Culturais, apresenta-se como uma ferramenta teórica que corresponde a esse alargamento do que pode ser considerado pedagógico e quais lugares da cultura praticam pedagogias, ou seja, formas de regular os sujeitos, de conduzir a conduta de orientar modos de ser e viver no tempo presente (ANDRADE, 2016, p. 28).

Acompanhamos a contribuição da autora para dialogarmos sobre a compreensão das pedagogias culturais que são produtoras de sentidos e nos educam em diferentes contextos como ocorrem com as interações com as mídias. Desse modo, diante das complexidades das discussões que são empreendidas por Elsaesser (2018), Sibilia (2008, 2012), Silverstone (2005), Teruya (2009), pensamos na especificidade das pedagogias culturais que são acionadas pelos artefatos midiáticos.

Entre as produções midiáticas que podemos nos debruçar para problematizar as instâncias pedagógicas e seus modos de nos ensinar sobre o outro, sobre nós e sobre o mundo, são dispostos os artefatos midiáticos pornográficos que são os artefatos que nos debruçamos nesta discussão. Preciado (2020, p. 25) ao analisar a produção de espaços e a constituição da Pornotopia, indica uma noção de pornofia que “[...] não pretende emitir um juízo moral ou estético, mas simplesmente identificar novas práticas de consumo da imagem suscitadas por novas técnicas de produção e distribuição de subjetividade”.

Ainda para a compreensão da ideia de pornografia, faz-se necessária a retomada sobre a cisão dessa compreensão da ideia de erotismo. Gregori (2016, p. 31) afirma que a pornografia “[...] seria a contraparte empobrecida, degradada, ou melhor, diria respeito aos materiais (imagens, escritos, objetos) produzidos no âmbito do mercado, visando lucro imediato, envoltos numa aura de vulgaridade e desrespeito a direitos”. Uma cisão que a autora discute que se opõe a ideia do erotismo que estaria vinculado “[...] às indagações eruditas”, enquanto a pornografia seria produto de um mercado.

Londero (2016, p. 69) contribui para a discussão ao tratar sobre como essa relação com a pornografia está vinculada também nessas relações que caracterizam “[...] a delimitação da libido nos órgãos

genitais, socialmente necessária para a instrumentalização do corpo, é constantemente representada nas obras pornográficas, principalmente nos filmes”. Desse modo, entendemos como a pornografia está relacionada a um sistema de produção de representações e de sentidos que estabelecem uma lógica de consumo e produção de imagens.

A pornografia e os raios X são parte, durante os anos 1950, de um mesmo dispositivo de representação do corpo, um aparato de produção da interioridade como imagem, e do sexo como verdade do sujeito. Esse processo de exteriorização não deve ser entendido como uma simples revelação de algo que está oculto, mas como o próprio processo de produção da interioridade por meio de técnicas de representação visual. A retórica do *strip-tease* das reportagens fotográficas da *Playboy* serviu para inventar interior da jovem mulher estadunidense, mas também o interior da vida doméstica e, depois, o interior da Mansão Playboy (PRECIADO, 2020, p. 72).

Sibilia (2008, p. 50) contribui para pensarmos como essas tecnologias foram alteradas e produziram outras relações como “[...] a espetacularização da intimidade cotidiana tornou-se habitual, com todo um arsenal de técnicas de estilização das experiências de vida e da própria personalidade para ‘ficar bem na foto’”. Assim, entre os chamados “[...] novos gêneros que proliferam na internet” que a autora assinala como exposição dessa intimidade e que dialogam com essa técnica de visibilidade que é a representação visual discutida por Preciado (2020) temos os efeitos das fotografias e dos vídeos eróticos/sensuais/pornográficos.

A caracterização de Preciado (2020, p. 85) sobre a invenção da pornotopia como “[...] a produção de uma domesticidade orquestrada e coreografada com dispositivos técnicos de vigilância e de reprodução audiovisual” contribui para pensarmos as produções pornográficas contemporâneas que são disponibilizadas em perfis de redes sociais como Instagram, Twitter, Onlyfans, entre outras, que geram um engajamento em filmagens e fotografias que publicizam as práticas sexuais contemporâneas.

Assim, ainda que tenhamos uma cisão cada vez menos nítida entre público e privado, tal como corroboram para esta análise as leituras de Sibilia (2008, 2012) e Han (2018), compreendemos que outras formas de se produzir e consumir pornografia estão atravessando

os contextos inicialmente apontados por Gregori (2016) e Londero (2016). Desse modo, pensar as dimensões das produções de imagens e da popularização de acesso e de uso das mídias digitais móveis, também é um modo de compreender as mudanças na produção de conteúdos pornográficos disponibilizados nas redes.

Tratar sobre a produção midiática sexual e suas inscrições educativas que geram o que chamamos neste texto de pedagogias pornográficas é um caminho que se embasa pelas discussões apresentadas sobre mídia, pornografia e educação até aqui empreendidas para indicar uma possibilidade de análise de artefatos culturais. Nesse sentido, o embasamento que nos auxilia dialoga também com a busca por “[...] um saber mais indisciplinado, mais perguntas e menos respostas” (HALBERSTAM, 2020, p. 31).

Entendemos que seguir a inscrição que o autor nos oferece para pensar a **baixa teoria** como “[...] um modo de acessibilidade, mas também podemos pensar sobre ela como uma espécie de modelo teórico que voa fora do alcance do radar” e, nesse processo, buscamos “[...] a partir de textos e exemplos excêntricos e que se recusa a confirmar as hierarquias do saber que mantém o **alto** em alta teoria” (HALBERSTAM, 2020, p. 39), intentamos acompanhar as teorizações do autor que nos avisa que seus estudos seguem “[...] atrás de projetos pequenos, micropolíticas, palpites, caprichos, desejos” (HALBERSTAM, 2020, p. 45).

Assim, a análise dos artefatos midiáticos pornográficos e de suas pedagogias não tem por objetivo encerrar, definir ou mesmo fechar as ideias sobre como a sexualidade é educada também pelas produções culturais contemporâneas, mas é um modo de provocar o diálogo sobre a ideia de que a sexualidade é um dos campos que envolvem as discussões sobre educação.

É relevante neste processo reconhecer as difusões de imagens que produzem corpos, tal como analisa Baitello Junior (2007; 2019) e como essas produções inscrevem uma lógica sobre o corpo que é problematizada por Bourcier (2020) para entendermos os processos de consumo que são inscritas nas lógicas de reprodução das imagens e das pedagogias que estão inscritas nessas relações.

É preciso enfatizar que não é uma coincidência que o corpo, neste momento, se torne objeto de pesquisa, exploração e investigação intensa e sem precedentes. Cirurgiões “anatomistas” e outros filósofos dissecam

o corpo rapidamente para entender, finalmente, dizer como ele funciona. Como o corpo trabalha. Ou não. Como é apenas uma máquina que range, mas não sofre. Descartes empunhava muito o bisturi e estripava muitos coelhos vivos para reforçar sua tese de animais-máquina. [...] O cartesianismo é nosso cânone, um dos fundamentos do nosso racismo epistêmico, uma boa desculpa para nossas aventuras coloniais e imperialistas e um importante ponto de virada biopolítico (BOURCIER, 2020, p. 117-118).

É neste cenário que compreendemos uma lógica que está inserida no consumo sobre os corpos que são passíveis de comercialização, os modos como as imagens geram uma forma de monetização das práticas de relação e como a sexualidade é atravessada pelo mercado na construção de corpos-que-importam e que produzem, na mesma dinâmica, nos anticorpos, tal como analisa Zago (2013).

Resultados e discussão

A produtora pornográfica Meninos Online divulga em seu perfil oficial no Twitter¹ em 15 de fevereiro de 2021 o teaser/propaganda de um minuto que é denominado Teste de Qualidade: Aprovado – testado e arrombado que tem atuação de Jhon Jhon e de Diego Mineiro. O vídeo ficcionaliza que o primeiro ator está comprando a prótese-produto que é uma impressão 3D da imagem do pênis do ator que tem o tamanho de 23 centímetros de comprimento.

Em todo o vídeo há um jogo cênico em que a câmera passeia pelas cenas e que a prótese-produto e o ator que é molde para ela são intercalados nas cenas. Com o objetivo de inscrever uma lógica que a prótese-produto é a oportunidade de ter relações sexuais com o ator, o jogo da imagem produz uma narrativa ficcional em que encerra com o ator que comprou a prótese informando Diego Mineiro que o produto está aprovado.

É relevante marcar a diferença de prótese e dildo nesta discussão. Tendo em vista que ao fazer referência ao segundo termo, utilizo a definição de Preciado (2014, p. 199, grifos do original) em que o autor explica que “[...] **dildo** nas línguas latinas estaria etimologicamente

1 <https://twitter.com/i/status/1361368428888674307>.

justificada pela relação com o termo latim *dilectio*, amor, gozo, do qual derivam, entre outras, a palavra *dileção*, vontade honesta e amor reflexivo”. Assim, Preciado (2014) utiliza o significado de dildo como amor reflexivo.

Assim, diante das discussões empreendidas por Preciado (2014), não tratamos o dildo e a prótese-produto dos mesmos modos. Propomos que o termo prótese-produto como resultado de um processo tecnológico de imitação de uma parte do corpo e que inscreve a dimensão de corpo no sistema de produção. É relevante também diferenciar aqui a prótese que remete ao desenvolvimento de órgãos e membros tecnológicos que são produzidos no intuito a substituir parcial ou totalmente órgãos e membros anatômicos.

A imagem pornográfica que é parte das imaginações sobre o tema e que é difundida como produto/propagação oferece uma lógica de consumo e de ser consumido por essas lógicas. As cenas remetem a prótese-produto uma dimensão de relação direta com o ator, por meio do mimetismo que é (re)produzido nas cenas que constituem este artefato midiático. São imagens que consomem os corpos por meio de narrativas e de produtos, ao mesmo tempo, que geram uma lógica de consumo (BAITELLO JUNIOR, 2007; 2019; BOURCIER, 2020; PRECIADO, 2020).

Corpos-que-importam geram imagens que são (re)produzidas e que também ganham matéria (ZAGO, 2013). A produção de uma prótese-produto que faz diálogo direto com o consumo desse corpo pornografado oportuniza pensarmos sobre como a pornografia educa corpos e subjetividades que alinhavam suas formas de se relacionar a este sistema. Desse modo, ao propormos uma interpretação desta relação, compreendemos que existe um consumo que não é apenas relacionado à prótese-produto e aos vídeos que estão disponíveis nas redes.

As imagens pornográficas que esquadrinham e organizam os corpos também os pornografam e constituem estéticas que alimentam um mercado das imagens. Consumíveis, os corpos que interagem com esses produtos midiáticos aprendem sobre sexualidade em uma lógica alimentada em uma perspectiva cis-heteronormativa que alimenta um imaginário sobre o corpo masculino e inscrevem outros corpos e possibilidades de agir e de ser diferentes dos modelos pornográficos como secundários. São os/as consumidores/as quem devem idolatrar as imagens.

Assim, a dildotecnia como possibilidade de criação, tal como ensina Preciado (2014) em seu manifesto contrassexual estão em outra direção. Fazer o corpo uma experimentação é diferente do consumo de produtos que povoam imaginários e cooptam sensações para um sistema de mercado. É relevante marcar que existem diferentes publicações que o ator faz de sua prótese-produto em que diferentes consumidores dizem da dificuldade de utilizar o brinquedo porque ele é grande demais.

Entendemos que essa lógica pornográfica é a mesma que está nas pessoas que entendem que precisam emagrecer ou alterar algo em seu corpo para caber nas roupas, ou, ainda, que a fome e a sede são sanadas por diferentes produtos que aparecem nas propagandas em diferentes mídias. Pensar as pedagogias pornográficas é também um modo de reconhecer como esse sistema de representações educa as subjetividades e os corpos para caber no consumo e não o contrário.

Diante das imagens que devoram os corpos, tal como assinala Baitello Junior (2007; 2019) também existe o empenho das pessoas que consomem as narrativas e discursos midiáticos em se transformar em imagens e, assim, o jogo com a prótese também convida a pessoa a interagir sexualmente com elas. Uma prótese-produto que alimenta uma lógica sexual que mantém o pênis de um corpo-que-importa – torneado, produzido por diferentes estratégias de consumo – como o ideal a ser cobiçado nas mídias contemporâneas.

As experiências que são possíveis na interação com os produtos – a imagem e a prótese – continuam a reverberar o entendimento da pornografia que agora não é mais apenas uma característica de grandes empresas midiáticas, mas que está disponível e é também produzida por diferentes pessoas que podem ou não participar das empresas de comunicação da área. O convite da câmera que está imbutida nos *smartphones*, os diferentes sites e redes sociais que oportunizam a divulgação e o consumo de imagens sexuais e que reiteram uma lógica que não corrobora para uma dildotecnia, mas que alimentam um consumo de imagens pornográficas que são idealizadas e representam corpos-que importam.

Desse modo, problematizar as mídias – e, neste foco, as produções pornográficas – é uma das maneiras de provocar o debate sobre as pedagogias que estão inscritas nestes artefatos e que nos ensinam sobre como devemos ser, estar ou agir no mundo. O consumo de um produto e/ou uma imagem não é apenas uma questão indireta, ou

relacionada a uma pessoa – o ator, por exemplo –, mas faz parte de uma lógica de consumo que estabelece sentidos e organiza nossas formas de nos relacionarmos com o outro, consigo e com o mundo.

Considerações finais

Consideramos a necessidade de analisar os artefatos midiáticos pornográficos e suas inscrições em imagens e corpos que geram formas de consumo como também uma dimensão pedagógica que educa as pessoas acerca das práticas sexuais e da sexualidade. Não problematizar os sentidos que estão inscritos na produção dessas imagens faz a manutenção de um sistema que elenca corpos como centrais, desejáveis e inscritos em uma lógica de consumo e, desse modo, organiza a dimensão sobre sexo e sexualidade.

Diante dessas análises, compreendemos a necessidade de provocar debates sobre os corpos pornografados, as estéticas que são alimentadas pelas imagens e o consumo que é gerado, produzido e que se inscreve nas relações sexuais. Assim, são necessárias análises e estudos que empreendam discussões sobre o consumo da pornografia, a educação sexual e as possibilidades de romper com esses sistemas de localização como a proposta de dildotecnia apresentada por Preciado (2014) em que o sexo e a sexualidade não são reduzidos a repetição das imagens de filmes e fotos pornográficas.

Esses questionamentos também precisam passar pelos corpos e subjetividades que são alvos dessas imagens e que são educados para uma centralização das genitálias – a ponto de consumirmos a mimese de uma – ao invés de criarmos outras formas de prazer e de relações que não dependam dessa lógica como a central nas possibilidades de ser, estar e agir no mundo. A educação da sexualidade perpassa também por questionar o que nos é ensinado por esses produtos midiáticos como sexo, como corpo e como prazer.

Referências

ANDRADE, Paula Deporte de. **Pedagogias culturais** – uma cartografia das (re)injeições do conceito. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS: Porto Alegre, 2016. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/143723>. Acesso em: 20 nov. 2020.

BAUER, Martin W., GASKELL, George, ALLUM, Nicholas C. Qualidade, quantidade e interesse do conhecimento. *In*: BAUER, Martin W., GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2002. p. 17-36.

BAITELLO JÚNIOR, Norval. Podem as imagens devorar os corpos? **Sala preta**. V. 7 USP: São Paulo, 2007. (77-82). Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/salapreta/article/view/57322/60304>. Acesso em: 11 fev. 2021.

BAITELLO JUNIOR, Norval. **Existências penduradas**: selfies, retratos e outros penduricalhos. Por uma ecologia das imagens. São Leopoldo/RS: Ed. UNISINOS, 2019.

BOURCIER, Sam. **Homo Incorporated**: o triângulo e o unicórnio que peida. Trad. Marcia Bechara. São Paulo: N-1 Edições; Crocodilo Edições, 2020.

ELSAESSER, Thomas. **Cinema como arqueologia das mídias**. Trad. Carlos Szlak. São Paulo: Sesc São Paulo, 2018.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de Pesquisa**. 4.ed. Atlas: São Paulo, 2002.

GREGORI, Maria Filomena. **Prazeres perigosos**: erotismo, gênero e limites da sexualidade. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

HALBERSTAM, Jack. **A arte queer do fracasso**. Trad. Bhuvi Libanio. Recife: CEPE, 2020.

HAN, Byung-Chul. **No enxame**. Notas sobre o digital. Petrópolis/RJ: Vozes, 2018.

LONDERO, Rodolfo Rorato. **Pornografia e censura**: Adelaide Carraro, Cassandra Rios e o sistema literário na década de 1970. Londrina/PR: Eduel, 2016.

PRECIADO, Paul. **Manifesto contrassexual** – práticas subversivas de identidade sexual. Trad. Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: n-1 edições, 2014.

PRECIADO, Paul. **Um apartamento em Urano**: crônicas da travessia. Trad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro/RJ: Companhia das Letras, 2019.

PRECIADO, Paul B. **Pornotopia**: PLAYBOY e a invenção da sexualidade multimídia. Trad. Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: N-1 edições, 2020.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23 ed. 7 reimp. São Paulo: Cortez, 2008.

SIBILIA, Paula. **O show do eu**: a intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

SIBILIA, Paula. **Redes ou paredes**: a escola em tempos de dispersão. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia?** 2. ed. Loyola: São Paulo, 2005.

SONTAG, Susan. A imaginação pornográfica. In: SONTAG, Susan. **A vontade radical**. Trad. João Roberto Martins Filho. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. (p. 44-83).

TERUYA, Teresa Kazuko. Sobre Mídia, Educação e Estudos Culturais. In: MACIEL, Lizete Shizue Bomura; MORI, Nerli Nonato Ribeiro (orgs). **Pesquisa em Educação**: múltiplos olhares. Maringá: Eduem, 2009. (151-165).

ZAGO, Luis Felipe. **Os meninos**: corpo, gênero e sexualidade em e através de sites de relacionamento. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. UFRGS, 2013.